

GONZÁLEZ, Covadonga Fouces. *La traducción literaria y la globalización de los mercados culturales*. Granada: Editorial Comares, 2011. 209 p. (ISBN 978-84-9836-848-2)

Lauro Maia Amorim¹

O livro *La traducción literaria y la globalización de los mercados culturales* é uma proposta de análise do papel da tradução literária no crescente processo de internacionalização dos mercados culturais em todo o mundo, e, em especial, no continente europeu. González sustenta que, no contexto da globalização, assistimos ao avanço do mercado mundial de bens culturais, no qual a tradução funciona como mediadora da circulação dos saberes. Na obra, destaca-se a importância de se avaliar a assimetria do fluxo de livros traduzidos entre as diversas línguas, e se explicar os papéis desempenhados pelas traduções literárias nesse processo. É exemplar o caso da tradução para a língua inglesa, que envolve, segundo González, uma forma de transferência simbólica de poder, pois quando um livro escrito em uma língua periférica é traduzido para uma língua central, ocorre uma transferência de legitimidade na medida em que a obra passa a adquirir importância em um nível internacional. A transferência simbólica, no entanto, pressupõe uma transferência econômica, geralmente priorizada pelas editoras em detrimento da valorização da diversidade cultural e literária. A pesquisa desenvolvida por González, voltada para a análise do fluxo de traduções literárias no continente europeu, tem como fundamentação teórica a reflexão desenvolvida pelos Estudos da Tradução (*Translation Studies*) em torno da teoria dos polissistemas literários e das relações entre literatura, poder e tradução que se efetivam com a influência do mecenato e das hierarquias de poder existentes no espaço da produção e da circulação de traduções literárias no contexto globalizado.

¹ Professor Assistente Doutor do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual Paulista – UNESP, São José do Rio Preto. Endereço eletrônico: lauromar@ibilce.unesp.br

González sublinha que na primeira fase dos Estudos da Tradução, situada nos anos setenta e marcada pela influência dos formalistas russos, buscou-se estudar o modo como a tradução poderia representar as condições que propiciavam a manutenção da literariedade do texto original, preservando, por exemplo, o seu “estranhamento” no texto traduzido. Na segunda fase, porém, teria ocorrido uma mudança de foco, com a união entre os Estudos da Tradução e a teoria dos polissistemas: enquanto aqueles enfatizavam a capacidade do tradutor em produzir um texto capaz de exercer influência nas convenções literárias de uma determinada sociedade, os proponentes da teoria dos polissistemas supunham que as normas e convenções literárias da cultura receptora informam as decisões do tradutor. Com isso, passou-se a dar importância ao fato de que os tradutores não trabalham em uma situação idealizada, sendo marcados por interesses culturais, literários e econômicos. Nesse sentido, aspiram que seu trabalho seja aceito na cultura de chegada, manipulando, assim, o texto original para adequá-lo a esse objetivo.

A busca pela aceitação da tradução corresponde à adequação às condições de legitimidade geradas pelas instituições ligadas ao mercado. Essas condições se relacionam com o mecenato (*patronage*), termo concebido por André Lefevere para definir as pressões exercidas por forças institucionais, como as editoras e o sistema educacional, capazes de influir na promoção das obras literárias ao definirem certos textos como canônicos em detrimento de outros. A promoção das obras literárias também está condicionada pelo trabalho de divulgação dos profissionais da literatura, tais como críticos, resenhistas, tradutores e professores. De acordo com González, o sistema econômico caracterizado pelo capital transnacional é tomado por um sistema cultural dominado por um mecenato pós-capitalista, em que a concentração editorial ameaça a existência da diversidade cultural em nome da uniformização comercial. O sistema cultural, nesse caso, não seria empobrecido por uma censura ideológica oriunda de governos totalitários, mas pela censura do dinheiro.

González ressalta a noção, proposta pelo sociólogo Bourdieu, de mercado simbólico, com o qual os grupos de poder constroem estratégias persuasivas com o intuito de organizar um consenso sobre seus produtos, promovendo seus próprios modelos culturais por meio do discurso da publicidade. No contexto do mundo literário, a tradução se converte em uma importante instituição de consagração, de modo que, para as línguas de chegada não hegemônicas, ela se torna o que González denomina *intradução*, já que importa grandes textos universais permitindo o acesso a modernidade atribuída às culturas dominantes. Por outro lado, pela perspectiva das línguas-fonte hegemônicas, efetiva-se a *extradução*, que supõe a difusão internacional do capital simbólico central. Uma vez que a tradução de escritores de línguas não hegemônicas para línguas centrais pressupõe um processo de consagração, a passagem de uma língua para outra se converte em um movimento de *literarização*, que, segundo Pascale

Casanova, ao representar uma operação de tradução para uma língua dominante, um texto procedente de uma região sem tradição literária busca se impor como produto literário junto às instituições legitimadoras. González salienta que, apesar dos benefícios que a tradução proporciona aos autores das periferias, a atividade das instituições consagradoras é ambígua, tanto positiva quanto negativa, porque os grandes consagradores reduzem as obras de outras culturas a suas categorias de percepção, elevadas a normas universais, mitigando, assim, todo contexto histórico, cultural e literário. Desse modo, González considera a categoria “universal” como uma das invenções mais diabólicas do sistema cultural hegemônico, pois em nome da negação de uma estrutura conflituosa e hierárquica, ostenta-se o monopólio do universal, supostamente acessível a todos desde que possa ser regulado por normas estipuladas pelos centros culturais. Como consequência, textos traduzidos para o francês, por exemplo, pressupõem a autoridade cultural de Paris como a capital desnacionalizada da literatura, na medida em que ela desnacionalizaria os textos para adequá-los a sua própria concepção de arte literária universal. González argumenta, por exemplo, que para os escritores hispano-americanos, a França é a porta de entrada para a Europa. Primeiro são traduzidos para o francês, e, após terem alcançado Paris, são traduzidos para o alemão e para o inglês. Entre os autores espanhóis, os mais antigos seguem o modelo francês, enquanto os escritores mais jovens, que começaram a publicar a partir dos anos 90, se enquadram no modelo alemão, sendo primeiramente traduzidos para essa língua antes de serem vertidos para o francês, e, em seguida, para o inglês.

Após refletir sobre os dados relativos ao fluxo de traduções na Europa, González considera que o mercado linguístico mais aberto à tradução de obras estrangeiras é o francês, e o mais fechado, o inglês, enquanto o alemão ocupa uma posição intermediária. O mercado alemão passa a ter um papel importante a partir do início da década de 1990, quando se transforma em motor cultural da Europa. O número de obras literárias que são traduzidas primeiramente para o alemão e a presença em seu território da Feira do Livro de Frankfurt, em que editoras internacionais negociam a compra/venda de direitos autorais, confirmam a vitalidade cultural do país. O autor conclui chamando a atenção para o papel central dos meios de comunicação na indústria editorial e para a necessidade de que eles sejam levados em consideração no momento de se criarem políticas de tradução que possibilitem a promoção das literaturas minoritárias.

Embora em vários momentos do livro o autor retome aspectos teóricos, como aqueles relacionados à teoria dos polissistemas, e reafirme posições de um modo um tanto repetitivo, o livro é uma iniciativa relevante no sentido de explorar os bastidores da produção editorial da literatura internacional traduzida e o papel crucial que a tradução desempenha em um mercado literário globalizado, no qual se travam disputas acirradas pela visibilidade autoral e comercial nos centros hegemônicos de produção cultural.